

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 14, número 2 (2023)
ISSN: 2177-2886

Resenha

A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens, de Gerda Lerner

*La Creación del Patriarcado: Historia de la Opresión
de las Mujeres por los Hombres, por Gerda Lerner*

*The Creation of the Patriarchy: History of the
Oppression of Women by Men, by Gerda Lerner*

Natália Lopes de Souza

Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil
natalia.lopes@estudante.ufjf.br

Como citar este artigo:

SOUZA, Natália Lopes de. Resenha: A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens, de Gerda Lerner. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 14, n. 2, p. 271-276, 2023. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

O livro "A criação do Patriarcado", publicado no Brasil pela editora Cultrix, em 2019, é um trabalho que remonta cerca de 2.600 anos de história para explicar a origem da opressão das mulheres, demonstrando que a dominação da mulher pelo homem é produto de uma construção histórica que, assim como foi criada, pode ser desfeita. Nesse sentido, o livro abarca a cultura do antigo Oriente Próximo, problematizando como se deu a construção da opressão perpetrada por homens, por meio de simbologias e conceitos que apagaram, de maneira deliberada, as agências de mulheres em seus tempos.

Sua autora, Gerda Lerner (1920-2013), foi uma historiadora, escritora e professora emérita de História, na Universidade de Wisconsin, Madison (EUA); e acadêmica visitante na Universidade de Duke, em Durham, na Carolina do Norte (EUA). Sua trajetória acadêmica começou aos 40 anos, tendo concluído, na década de 1960, o PhD, na Universidade de Columbia. Suas pesquisas giraram em torno do campo de História AfroAmericana, do desenvolvimento do currículo e curso de História da Mulher, ministrado pela New School for Social Research, em 1963. Lerner também esteve envolvida em programas similares na Universidade de Long Island (1965-1967) e no Sarah Lawrence College (1968-1979), onde se estabeleceu o primeiro Programa de Graduação em História da Mulher.

Disseram às mulheres que elas não tinham história, e elas acreditaram (Lerner, 2019). É para desmistificar essa premissa que Gerda Lerner traz à luz seu livro "A criação do patriarcado", que se propõe a pensar o processo de opressão das mulheres. Sua pesquisa enfatiza a importância de conhecermos o passado histórico e como ele está ligado diretamente às demandas do presente. Essa obra vem evidenciar que as mulheres tiveram sim suas histórias e suas agências, mas que foram invisibilizadas pelo patriarcado. Para isso, mobiliza uma série de teorias e fontes para tentar explicar como se deu a construção do patriarcado, deixando pistas e reflexões sobre sua desconstrução.

“O fazer História é o processo pelo qual as pessoas registram, interpretam e reinterpretem o passado a fim de entregá-lo a futuras gerações” (Lerner, 2019, p. 246), e é isso que a autora tenta realizar com a obra, a reinterpretação dos símbolos e processos históricos que construíram e solidificaram o patriarcado enquanto sistema de opressão. Mais, ainda, serve para trazer à luz essas formas de invisibilização, defendendo a tese de que para a desconstrução do patriarcado, é necessário que haja uma tomada de consciência das opressões e retomada do passado de luta e agência das mulheres, ou seja, é a partir de uma visão de mundo feminista que haverá a possibilidade de que “homens e mulheres libertem a mente do pensamento patriarcal, e também de sua prática, para enfim construírem um mundo livre de dominação e hierarquia” (Lerner, 2019, p. 280).

De acordo com Lerner, as mulheres “foram e são peças centrais e não marginais para a criação da sociedade e a construção da civilização” (Lerner, 2019, p. 28), contudo, acabaram por ser invisibilizadas por causa do seu sexo. Nesse sentido, essa repressão às mulheres e o desenvolvimento do patriarcado partem de um processo construído historicamente pelos homens e pelas instituições, ou seja, o patriarcado é um fenômeno histórico, construído pelo homem. Por isso, há a necessidade de criticar pressupostos, valores de ordem e definições. É nesse debate que o livro se faz importante.

Por meio de evidências históricas, a autora busca traçar o desenvolvimento dos principais conceitos, símbolos e metáforas pelos quais as relações patriarcais entre gêneros foram incorporadas à civilização ocidental (Lerner, 2019). Para isso, debruçou-se sobre uma extensa pesquisa documental e bibliográfica que abrange mitos de criação, cartas, imagens, esculturas, selos, vasos, trabalhos paleográficos, leis e artefatos, que ajudem a explicar o processo de dominação.

Ao longo de onze capítulos, pelo caminho da análise histórica social, Lerner examinou desde as aldeias tribais primitivas e suas organizações – sobretudo de divisão sexual do trabalho – até a formação dos Estados e do próprio patriarcado em si, que contou com a participação das mulheres e as impediu de desenvolverem uma consciência de grupo, uma vez que achavam que não existia uma tradição que reafirmasse a sua independência e autonomia, em outros períodos. Dessa maneira, com esse livro, Lerner buscava auxiliar na quebra de mentalidade, demonstrando como o processo do patriarcado foi violento e eficaz, ao invisibilizar a importância física e simbólica das mulheres.

Ao longo da obra em questão, Lerner vai desenvolver sua argumentação de que a dominação acontece em etapas. Em um primeiro momento, regulava-se a conduta sexual das mulheres e, mais tarde, outros aspectos também foram cerceados, como o modo de se vestir, de se comportar. Mais tarde, houve uma mudança na relação aos deuses e deusas – estas foram deliberadamente apagadas – o que, segundo a autora, foi significativo para estabelecer o patriarcado como sistema governante.

Assim, os capítulos do livro estão divididos em ordem cronológica, a partir de uma análise do antigo Oriente Próximo, já que, através dele, as bases do patriarcado vão sendo desenhadas e, mais tarde, vão ser postas nas sociedades ocidentais, isto é, em um processo de naturalização da opressão das mulheres.

Nos dois primeiros capítulos, Lerner vai demonstrar, com o exemplo de sociedades primitivas que tanto homens quanto mulheres construíram, em conjunto, a civilização. É nesse momento que a autora explica como ocorreu a apropriação sexual e reprodutiva das mulheres pelos homens, e conta que ela se deu antes da formação da propriedade privada e da sociedade de classes.

Nas condições primitivas das sociedades, as mulheres assumiam um caráter simbólico muito grande em relação a maternidade, uma vez que elas detinham o poder sobre a vida. Entretanto, a posição da mulher está sujeita à mudança, ao longo do tempo (Lerner, 2019). Nessas passagens, por processos de apropriação, a importância da mulher foi suplantada pela do chefe de família. Nesse sentido, expõe que nas sociedades primitivas e suas organizações sociais ocorreu a assimetria sexual, e sua hipótese parte de que, em algum momento, sociedades primitivas igualitárias, com divisão sexual do trabalho baseada em necessidades biológicas, deram espaço a sociedades mais estruturadas, nas quais era comum a propriedade privada e o comércio de mulheres, transformando-as em mercadorias. É com esse contexto que a autora constatou que sociedades matrilineares e matrilocais foram substituídas pelas patrilineares e patrilocais.

O capítulo três vai discorrer sobre os Estados arcaicos e como sua organização ocorreu nos moldes do patriarcado, isto é, desde seu início, havia

uma tentativa de fixar a família patriarcal e, para isso, vemos a institucionalização da subordinação feminina. As mulheres passaram pela exclusão do acesso à educação, pela proibição em transitar determinados lugares, dentre outros. Mesmo que participassem da vida econômica, religiosa e política, como há evidências dessa participação, sempre estavam atreladas às figuras de seus maridos, filhos e/ou irmãos.

Ao falar da escravidão, no capítulo quatro, Lerner afirma que os homens adquiriam poder sobre outros homens e sobre todas as mulheres, instituindo dominância e hierarquia, sendo a escravidão a primeira forma institucionalizada dessa dominação, na história humana, uma vez que se baseia na ideia de que um grupo é classificado como externo, marcado como escravizável, forçado ao trabalho e à subordinação. A autora argumenta que antes da escravidão existia a subordinação das mulheres dentro do próprio grupo, ou seja, o processo de escravização foi desenvolvido e aperfeiçoado, a princípio, com mulheres, sobretudo mulheres prisioneiras de guerra.

Os capítulos cinco e seis vão trazer a discussão da subordinação institucionalizada nos antigos documentos e códigos impostos pelo Estado. Em linhas gerais, esses documentos normativos versavam, principalmente, a respeito de costumes e comportamentos dividindo as mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis. Tais leis garantiam a cooperação das mulheres, seja por meio de força, dependência econômica, privilégios de classes concedidos às mulheres abastadas e obedientes, e outros. Além disso, eles expõem a diferença do conceito de classe assumido por homens e mulheres.

De acordo com Lerner, classe, para os homens, estava relacionado aos meios de produção, enquanto que, para as mulheres, a classe era medida pelos seus vínculos com os homens que proporcionam a elas meios e recursos materiais, ou seja, havia uma separação entre mulheres respeitáveis (vinculadas ao homem) e não respeitáveis (sem vínculo com o homem). Ainda, é nesses capítulos que a autora irá demonstrar como o Estado determina e classifica as mulheres a partir de suas vestimentas, delineia noções sobre a prostituição, como por exemplo a “prostituição sagrada” – prática de servidão sexual nos templos, além de versar sobre as punições públicas.

No decorrer do capítulo sete, Lerner expressa que, mesmo em meio a subordinação sexual, econômica, legal e educacional, as mulheres desempenharam importantes papéis na mediação entre o humano e o sagrado, como sacerdotisas, videntes, advinhas e curandeiras. Nesse sentido, o poder feminino, venerado na figura de deusas, dava-se através da geração da vida. Como a religião também é refletida pela sociedade, e quando esta muda, à medida que se torna patriarcal, a religião traz à tona um forte deus masculino, como o deus central. Quando isso aconteceu, o papel das mulheres como sacerdotisas declinou, o que ocorreu em quase todas as sociedades do Oriente Próximo.

Ainda versando sobre religião, nos capítulos oito e nove, vemos os desdobramentos do monoteísmo, suplantando a simbologia da deusa-mãe e seu papel na geração da vida, bem como a separação das suas dimensões: sexualidade, fertilidade e procriação. É nesse capítulo que a autora vai se aprofundar nas simbologias da bíblia para explicar como o Deus homem supera e desbanca as simbologias femininas, que passaram a adquirir papéis de

virgens e esposas, e não mais fonte materna para criação do universo. Com essa mudança simbólica, quem gera a vida é o Deus-Pai judaico-cristão. É nesses capítulos que Lerner vai demonstrar como a religião contribuiu com o aumento do controle patriarcal, tanto sobre a propriedade quanto sobre o clã, o que impactou diretamente na vida dessas mulheres, já que, agora, esse controle pressupunha fidelidade total das esposas.

O capítulo dez vem explicar que, com a transformação desses signos, as mulheres foram marginalizadas nos sistemas de símbolos, e essa desvalorização simbólica, sobretudo em relação às divindades, fez com que a elas fossem negados os rituais religiosos, com que perdessem o acesso ao sagrado, como nas práticas curandeiras, sacerdotisas e outras. Dessa maneira, a única forma possível de se aproximar desse sagrado seria por meio da função de mãe, ou seja, o acesso da mulher ao propósito de Deus só passou a ser possível pela mediação do homem. Assim, segundo Lerner, o homem começou simbolicamente a ordenar o universo e a relação dos seres humanos com Deus.

Por fim, no capítulo onze, a autora tenta amarrar todas as problematizações, metáforas e simbologias dos outros capítulos e expõe que a criação histórica do patriarcado foi um processo que levou mais de dois mil e quinhentos anos. Tendo aparecido como Estado arcaico, família patriarcal, regulamentação de papéis e comportamentos femininos expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais. Todo esse processo exemplifica metáforas fundamentais da civilização ocidental, nas quais a subordinação feminina passa a ser vista como natural, e é isso que estabelece com firmeza o patriarcado como realidade e como ideologia (Lerner, 2019).

Além disso, Lerner afirma que o patriarcado só funciona com a cooperação das mulheres com doutrinação de gênero, carência educacional, negação de conhecimento da própria história, divisão entre respeitáveis e desviantes, restrições, coerções, por isso, é necessário que a luta das mulheres por emancipação e liberdade seja uma necessidade, a fim de romper com essa construção histórica que nos invisibilizou e nos inferiorizou.

Lerner encerra seu livro afirmando que o sistema do patriarcado é um constructo histórico; tem começo e terá um final (Lerner, 2019), e que ele não atende mais às necessidades de homens e mulheres. E isso quer dizer que, para a autora, a visão de mundo feminista que vem sendo construída e a mudança de mentalidade possibilitarão que a sociedade crie ferramentas para acabar com esse sistema que vigora há tantos anos. Entretanto, cabe destacar que a luta contra as naturalizações do patriarcado na vida de mulheres é constante.

Por fim, destaca-se a importância da obra tanto em seu contexto de primeira publicação, na década de 1990, como na atualidade, no Brasil. Ela serve como um texto que nos provoca a pensar todo os sistemas de símbolos e como estamos entrelaçados a eles. Além disso, faz problematizar naturalizações que, como nos mostra Lerner, foram construídas pelo sistema patriarcal.

Desse modo, o livro "A criação do patriarcado" se torna essencial para pensarmos todo o cerceamento e apropriação das mulheres, em todas as suas dimensões, seja ela física, sexual, emocional. Ademais, a obra nos leva a sermos críticas quanto ao próprio pensamento, que é, afinal, um pensamento moldado na tradição patriarcal (Lerner, 2019).

Referências

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. Trad: Luiza Sallera. São Paulo: Cultrix, 2019.

Recebido em 02 de fevereiro de 2023.
Aceito em 07 de agosto de 2023.

Natália Lopes de Souza

